

ARTES NO ENSINO MÉDIO E TRANSFERÊNCIA DE COGNIÇÃO

Profa. Dra. Ana Mae Barbosa

anamaebarbosa@gmail.com

Docente da ECA/USP e do Programa de Pós Graduação em Design, Arte e Tecnologia da
Universidade Anhembi Morumbi

RESUMO: Este texto traz um breve histórico contextualizando a trajetória da Arte que, na escola brasileira, tem oscilado, de modo arbitrário, entre componente curricular obrigatório e não obrigatório. Mostra, fundado em bibliografia especializada, como as Artes desenvolvem a cognição do indivíduo, cognição esta que pode ser aplicada a outras áreas do conhecimento. Conclui que a retirada da Arte como disciplina escolar significa reduzir a possibilidade do desenvolvimento de habilidades importantes para os jovens, relacionadas com o desenvolvimento de sua subjetividade e com a formação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: cognição, ensino médio, artes, história da arte.

ABSTRACT: This text contains a brief history about the trajectory of Art, which in the Brazilian school has oscillated, arbitrarily, between required school subject and non-required school subject. It shows, based on specialized bibliography, as the Arts develop the cognition of the individual, which can be applied to other areas of knowledge. It concludes that the exclusion of Art as a school subject means reducing the possibility of developing important skills for young people, related to the development of their subjectivity and their professional formation.

KEYWORDS: cognition, high school, art, history of art.

O atual Governo do Brasil, por Medida Provisória, isto é, por decreto sem ouvir a sociedade e com uma maciça propaganda paga e enganosa nas emissoras de TV decidiu acabar com a obrigatoriedade do ensino da Arte no Ensino Médio, tornando-a na prática mera ilustração das outras disciplinas.

Mais uma vez o Brasil copia o sistema de Educação dos Estados Unidos, operando reduções comprometedoras para a aprendizagem de nossos jovens em nome da economia de verbas.

A Ditadura Militar (1964 a 1983) copiou o sistema americano, minimizando a qualidade, quando tornou a Arte obrigatória no Ensino de Primeiro e Segundo Graus, com o objetivo de mascarar humanisticamente o excessivo tecnologismo da reforma educacional imposta, que pretendia profissionalizar os adolescentes no Ensino Médio. No processo de redução do modelo americano para país pobre criou a figura absurda do professor polivalente que com dois anos de formação deveria ensinar Música, Artes Plásticas, Artes Cênicas e Desenho Geométrico, a partir do quinto ano do Primeiro Grau e no que hoje chamamos Ensino Médio. Claro que não deu certo e as grandes universidades advertiram imediatamente acerca do absurdo epistemológico de se querer formar arremedo de Leonardos da Vincis no século XX.

Agora a coisa é pior, estão retirando do Ensino Médio a obrigatoriedade do Ensino das Artes, duramente ampliada pela luta dos Arte/Educadores reunidos na Federação de Arte /Educadores do Brasil (FAEB), que em abril de 2016 conseguiu fazer aprovar no Senado a obrigatoriedade de Música, Teatro, Artes Visuais e Dança antes não incluída.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, os alunos de “*high school*” escolhem um certo número de disciplinas de um enorme cardápio de disciplinas que a escola oferece. Entre as disciplinas oferecidas estão todas as áreas das Artes.

Inglês é obrigatório, mas para cada semestre são oferecidos diferentes cursos e o aluno escolhe que tipo de curso quer fazer. Lembro-me de que meu filho no primeiro ano de *high school* em Cambridge, USA, escolheu como disciplina obrigatória um curso de inglês baseado em William Shakespeare, no qual teve de decorar vários trechos de peças que não esqueceu até hoje. No semestre seguinte escolheu um curso de inglês baseado em notícias de jornais, mais fácil e metodologicamente menos conservador. Não é

obrigatório o aluno escolher Artes, mas é obrigatório a escola oferecer todas as Artes. Quando fiz Pós-Doutoramento na Inglaterra minha filha de 15 anos me acompanhou. A escola só permitia escolher quatro disciplinas por semestre e ela foi obrigada a escolher Inglês, Matemática, História e uma disciplina em Ciências para ter o semestre reconhecido no Brasil. Entretanto foi colocada para fazer deveres de casa e outras obrigações na sala de uma professora (*room teacher*) de Artes Visuais. Não demorou muito, a professora perguntou porque ela não escolhera Artes se gostava tanto e diante do argumento burocrático combinou que ela faria Artes Visuais escondido, extraoficialmente. Enquanto era tratada como estranha nas outras aulas, na aula de Artes Visuais fez amigas e se entrosou.

Não se discute mais nestes países, que o governo do Brasil pretende imitar embora sob um olhar redutor, a importância do Ensino das Artes na Escola.

Foi fundamental nos Estados Unidos a descoberta nos anos 1990 de que os alunos que por 10 anos tiveram as melhores notas no teste SAT, equivalente ao ENEM, todos haviam tido alguma disciplina de Artes em seu currículo. Passou-se, então, a estudar o ensino das Artes, em referência à transferência cognitiva. As perguntas eram: O que se aprende e o como se aprende Artes é transferível para outras disciplinas? O desenvolvimento mental que as Artes proporcionam é aplicável ao modo como se aprende as outras disciplinas?

James Catterall¹ (2002) dedicou grande parte de sua vida investigando as pesquisas que provam que as Artes desenvolvem a cognição do indivíduo, cognição esta que pode ser aplicada a outras áreas do conhecimento. Chegou à conclusão de que as Artes desenvolvem até a inteligência medida pelo teste QI, que é apenas uma parte da inteligência, a inteligência racional. Encontrou quatro pesquisas, provando a transferência de aprendizagem das Artes Visuais para outras áreas. Estas pesquisas demonstraram que o estudo de Desenho aumenta a qualidade de organização da escrita; raciocinar sobre Arte desenvolve a capacidade de raciocinar sobre imagens científicas; a análise de imagens da Arte propicia a capacidade de leitura mais sofisticada, interpretação de textos e inter-

¹ James Catterall. The Arts and the Transfer of Learning. <http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl_overview.pdf> p. 151 - 157.

As pesquisas sobre transferência de aprendizagem das Artes para outras áreas que James Catterall examinou foram imediatas, não houve um decurso de tempo entre as aulas de Artes e os testes aplicados. Provavelmente se houvesse um tempo de espera os resultados seriam mais positivos ainda do ponto de vista da transferência

relacionamento de diferentes textos. Enfim, a “instrução em Artes Visuais” desenvolve a prontidão para a leitura compreensiva, foi uma das conclusões das quatro pesquisas que Catterall analisou. Já, o número de pesquisas provando a transferência de cognição em Teatro para outras áreas foi quase cinco vezes maior, o que o levou a identificar também maior número de consequências positivas da experiência em Teatro para o comportamento cognitivo dos jovens de ensino médio.

- Maior compreensão da leitura oral de textos.
- Maior compreensão do discurso oral em geral.
- O aumento da interação entre pares.
- Capacidade de escrever com eficiência e prolixidade.
- Habilidades de resolução de conflitos.
- Concentração de pensamento.
- Habilidades para compreender as relações sociais.
- Capacidade para compreender problemas complexos e emoções.
- Engajamento.
- Habilidade de interpretação de textos não relacionados.
- Disposição e capacidade de desenvolver estratégias para resolução de problemas.
- Nas pesquisas sobre as Artes Integradas, que não podem ser confundidas com a perversa polivalência, mas que tem para cada Arte o seu professor, todos trabalhando interdisciplinarmente, foram comprovados avanços individuais e coletivos em:
 - Autoconfiança.
 - Melhoria do autoconceito.
 - Capacidade de assumir riscos.
 - Concentração de atenção.
 - Perseverança.
 - Empatia pelos outros.
 - Auto iniciação à aprendizagem.
 - Persistência em tarefas difíceis.
 - Aprendizagem autoral.

- Habilidades de colaboração.
- Liderança.
- Evasão reduzidas.
- Aspirações educacionais mais altas.
- Habilidades de pensamento de ordem superior.

A lista de transferência cognitiva da Música para outras áreas não artísticas de conhecimento é grande também e inclui desenvolvimento em Matemática e em percepção espacial e espaço/temporal.

Tendo em vista o fraco desempenho de estudantes norte-americanos em Ciências foi criado nos Estados Unidos, no nível equivalente ao nosso Ensino Fundamental e Médio, o sistema interdisciplinar STEM, isto é a interrelação entre Ciências, (Sciences) Tecnologia, Engenharia e Matemática². Entretanto, as pesquisas não demonstraram a melhoria esperada em ensino das Ciências. A pesquisadora e professora Georgette Yakman (apud Paula Ariane Moraes 2017) incluindo as Artes conseguiu melhores resultados e, a partir do seu trabalho o STEM, se transformou em STEAM, sistema que inclui Ciências, (Sciences) Tecnologia, Engenharia, Artes (e *Design*) e Matemática. Acrescentando as Artes verificaram que a imaginação e os processos de criação foram intensificados. Verificaram também que as Artes se tornaram importantes culturalmente, comunicativamente e facilitadoras da aprendizagem das outras áreas envolvidas no sistema.

O cuidado agora é para que, no STEAM, as Artes não venham a se constituir em mero trabalho de ilustração.

Retirar Artes do Ensino Médio, portanto de adolescentes é reduzir a possibilidade do desenvolvimento de habilidades importantes em outras disciplinas além das Artes.

Por outro lado, que outra disciplina desenvolve o que é específico das Artes? Qual a disciplina no currículo que desenvolve especificamente a percepção e discriminação visuais? As Artes Visuais e nenhuma outra mais. Qual a que prepara para a leitura da imagem? As Artes Visuais. A leitura do discurso Visual, que não se resume só a uma análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é

² Para melhor conhecer o STEAM consultar a dissertação de mestrado de Paula Ariane da Silva Moraes, STEAM: Arte e Design no Currículo do Ensino Médio, Universidade Anhembi Morumbi, 2017.

centrada na significação que estes atributos, em diferentes contextos conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem, ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam.

Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora, em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores.

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc.

A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da Arte nos exercita a consciência acerca daquilo que aprendemos através da imagem. Por outro lado, na Escola, a leitura da obra de Arte prepara o grande público para a recepção de obras de Arte e nesse sentido Arte/ Educação é também mediação entre Arte e Público. Tirar as Artes da escola e depois clamar por meios de “ampliação de plateia” para Teatro ou Cinema é uma contradição.

Outro aspecto importante da Arte na educação em nossos dias é o fato de se reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância, não só para o desenvolvimento da subjetividade, mas também para o desenvolvimento profissional.

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à arte comercial e propaganda, *outdoors*, cinema, vídeo, fotografia, à publicação de livros e revistas, à produção de CDs, cenários para a televisão e aos campos do design para moda, indústria têxtil, *design* gráfico, *design* digital, *games*, decoração etc. Não posso conceber um bom *designer* gráfico que não possua algumas informações de História da Arte. Não só *designers* gráficos, mas muitos outros profissionais similares poderiam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem arte e tivessem desenvolvido sua capacidade analítica, através da interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico. Tomei conhecimento de uma pesquisa que constatou que os *camera men* da televisão são mais eficientes quando tiveram algum contato sistemático com apreciação da arte.

O conhecimento crítico de como os conceitos visuais, sociais e históricos aparecem na arte, como eles têm sido percebidos, redefinidos, redesignados, distorcidos, descartados, reapropriados, reformulados, justificados e criticados em seus processos construtivos, ilumina a prática da arte, mesmo quando essa prática é meramente comercial.

Até agora usei argumentos de ordem objetiva e resultado de pesquisas, para demonstrar a importância do ensino das Artes, porque a educação emocional não interessa a políticos que, no campo da educação, almejam apenas ver o Brasil subir no *ranking* mundial, reduzindo ao mínimo, o que tem de ser aprendido e criando testes para provar que a aprendizagem foi realizada.

Mas quero ressaltar a importância das experiências com Artes na adolescência, idade difícil, de mudanças hormonais, corporais, de modo de pensar e sentir, de início de autonomia na vida privada e na sociedade, de inter-limites, ora sendo tratados como adultos ora sendo vistos como crianças. A linguagem presentacional das Artes articula a cognição, através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional, numa escola a qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências. A minha geração fez sua educação emocional à margem da escola, nos filmes de *Hollywood*, a geração da minha filha, nas novelas da Globo e esta geração. Comecei a fazer uma pesquisa acerca dos quartos de adolescentes mulheres de São Paulo, para analisar suas escolhas culturais. Estou ainda no início e restringi a amostra a adolescentes que têm contato com Arte em casa e na escola, que não são submetidas ao universo pequeno burguês dos decoradores nem ao gosto da mãe.

Abaixo temos a porta do quarto de uma adolescente de 14 anos e a mesma porta, dois anos depois.

Colagem de A.L., 14 anos, para a porta do seu quarto. 2015.
(Nono ano do Ensino Fundamental, Semestre 1)



Fonte: Foto de Magda Leão

Foto de A.L. (16 anos), da porta de seu quarto dois anos depois. 2017.
Segundo ano do Ensino Médio, Semestre 2

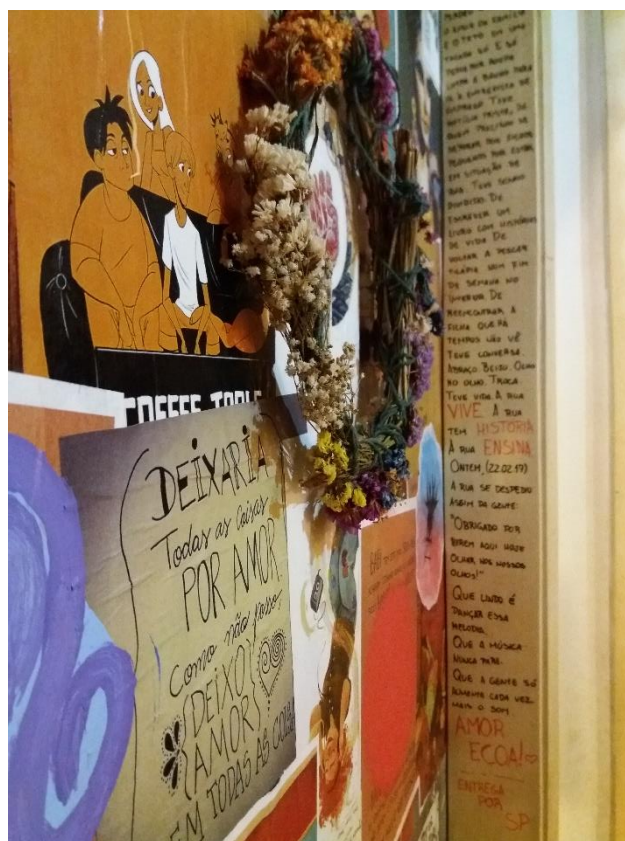


Fonte: Foto de A.L.

As imagens coladas aos 14 anos eram uma espécie de declaração de princípios que afirmavam seu interesse pelo feminismo, principalmente através da busca na internet, onde encontrou as produções de Carol Rossetti. Está claro, também, o culto ao valor romântico, com a afirmação do amor acima de outros sentimentos e a imagem do casal juntos vendo um livro. A imagem no canto inferior à direita não consegui decodificar, mas a adolescente me disse ser de um livro “O amor nas pequenas coisas”.

A imagem, acima no canto direito, de pessoas em uma sala reflete a importância do grupo para os adolescentes .

Em dois anos e meio, muitas imagens e textos foram sendo acrescentados e sobrepostos. A importância do feminismo foi se afirmando como central aos interesses da adolescente. Passou a participar de um grupo de estudos sobre o feminismo na escola. Na sua porta, a imagem do símbolo feminista centralizou todas as outras imagens e foi destacada com um objeto tridimensional, uma coroa de flores secas, destas que são postas nas portas, à época do Natal. Fotos de cinema aparecem, festejando um assunto que interessou a adolescente no primeiro ano do Ensino Médio, o Egito. Hoje, seu interesse está centrado na Cultura Afro. Problemas sociais e políticos foram destacados, mas a intervenção de produção pessoal aparece, impondo sua visibilidade. São elas as formas abstratas entrelaçadas em azul e do lado oposto o fragmento azul e rosa também abstrato. No batente da porta vislumbrado na foto, tirada pela própria adolescente, o texto afirma sua preocupação com o social. Diz o seguinte:



“...teve história de amor que já dura mais de cinquenta anos, superando dificuldade da vida e da saúde, teve conversa sobre respeito e igualdade de gênero. Teve choro ao lado de quem perdeu o emprego, o amor da família e o teto numa tacada só. E só pedia por roupa limpa e banho para ir a entrevista de emprego. Teve notícia TRISTE, de quem precisou se separar dos filhos pequenos por estar em situação de rua. Teve sonho

dividido de escrever um livro com histórias de vida, de voltar a pescar tilápia no fim de semana no interior. De reencontrar a filha que há tempos não vê. Teve conversa. Abraço. Beijo. Olho no olho. Troca. Teve vida. A rua vive. A rua tem HISTÓRIA. A rua ENSINA. Ontem, (22-2-2017) a rua se despediu assim da gente: ”. Obrigada por vir aqui hoje olhar nos nossos olhos. Que lindo é dançar esta melodia. Que a música nunca pare. Que a gente só aumente cada vez mais o som. AMOR ECOA.”

Como vemos, em dois anos o conceito de amor se ampliou, a escrita se adensou, o pensamento se aprofundou em direção ao social e o espírito de solidariedade se instalou. A constância em se expressar potencializa a capacidade de expressão.

Como se pode ver foi principalmente no Ensino Médio que a produção imagética e textual desta jovem foi se impregnando de individualidade, refletindo mais intensamente suas ideias, seus desejos e preocupações. Passou do desejo romântico para o desejo por justiça social e aprofundou sua política pessoal feminista. Mas principalmente ousou sobrepôr seus próprios desenhos às imagens da cultura visual que já usava como identificação pessoal. Além de operar com a expressão pessoal valorizada pelo modernismo operou também com a construção pós-modernista, usando imagens de segunda geração. Tornando suas as imagens dos outros.

As escolas no Brasil vêm desenvolvendo um ensino que leva os jovens a entenderem as artes e a se tornarem companheiros inseparáveis delas. A prova do que afirmo foi o movimento artístico que baseou e sustentou as ocupações das escolas públicas em São Paulo, em 2015/2016.



Como parte da Virada Ocupação, estudantes da Escola Estadual Maria José (região central de SP) fazem uma performance em frente ao Masp, na avenida Paulista. Foto de jornal não identificado.

As gerações de hoje, educadas com Artes nas escolas já estão lotando as exposições de Artes Visuais, os cinemas e os teatros. O ensino atual inter-relaciona o fazer Arte, a leitura da obra de Arte ou da imagem e a contextualização do que se faz e do que se vê (Abordagem Triangular). Como resultado deste novo (já com 25 anos) ensino, os Centros Culturais não são mais exclusividade das elites, jovens que nasceram pobres estão usufruindo das Artes, porque tiveram bons professores de Artes nas Escolas públicas. Vamos perder esta conquista, se as Artes não forem incluídas no Ensino Médio como disciplina. Apelo aos artistas, para que façam campanha e salvem a intimidade com as Artes nas próximas gerações. Nós das Artes, que podemos fazer para que os "homens do poder" nos ouçam?

Segundo as pesquisas, nós próprios, professores de Arte, seríamos menos inteligentes, se não tivéssemos experiência com as Artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTERRAL. J. **The Arts and the Transfer of Learning**. Disponível em: <<http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl-overview.pdf>>. Pag 151 a 156.

MORAES P. A. da S. **STEAM: Arte e Design no Currículo do Ensino Médio**, Programa em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi, 2017.

Ana Mae Barbosa

Prof. do Doutorado da ECA/USP e do Mestrado e Doutorado em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. Seu livro mais recente Redesenhando o desenho: educadores, política e história SP: Editora Cortez, 2015, 453 p. ganhou o Premio Jabuti. Autora também de La imagen en la enseñanza del Arte. Monterrey, México: UANL, 2015, 145 p. e mais 20 livros. Ensinou na Universidade de Yale e na The Ohio State University. Recebeu o Prêmio Herbert Read (Australia), Prêmio Edwin Ziegfeld (USA), Comenda de Mérito Científico (2005) e a Ordem do Mérito Cultural (2015) do Governo brasileiro e o Prêmio Itaú Cultural 30 anos (2017).

Recebido em: 14/09/2017

Aceito em: 04/10/2017